



Entre Escher, Peixoto e Saramago: labirintos e espelhos narrativos em *Autobiografia*, de José Luís Peixoto

Antônio Martins da SILVA JÚNIORⁱ
<https://orcid.org/0000-0001-5264-7517>

Resenha de: PEIXOTO, José Luís. **Autobiografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, 269 p.

Dois Josés têm seus caminhos interseccionados nas ruas de Lisboa, nos anos finais da década de 1990. Dois escritores, um já muito famoso e outro, sendo apenas isto: um outro, um jovem de 30 e poucos anos, com um único romance publicado, um bloqueio criativo que o impede a escrita de seu segundo livro, problemas com bebidas e jogos de azar. Assim se pode descrever brevemente a trama de *Autobiografia*, romance de José Luís Peixoto, autor galardoado com o Prêmio José Saramago, de 2001.

Autobiografia, publicado originalmente em Portugal pela Quetzal Editores, no ano de 2019, chega a este lado do Atlântico com um lindo trabalho gráfico na edição brasileira da Companhia das Letras, em 2021. Começamos pela capa elaborada por Claudia Espíndola de Carvalho, o projeto gráfico que tem por base a icônica fotografia de Saramago feita pelo fotógrafo Marcelo Buainain, em 1996, pela ocasião do lançamento do romance *Ensaio sobre a Cegueira*, que, hoje, é o equivalente saramagueano da fotografia de Einstein mostrando a língua ao fotógrafo Arthur Sasse, em 1951. Nela, o autor aparece duplicado, brincando com o olhar — seu e nosso — ao segurar uma esfera metálica diante de um olho. Esta capa com os dois Saramagos opostos, porém iguais, reflete o conteúdo do romance de forma magistral, funcionando melhor do que qualquer sinopse poderia sequer sonhar ao resumir os movimentos circulares em que tessitura da trama se organiza, tal como as gravuras metalinguísticas de Escher, que retratam escadas que conduzem a lugar algum, ou esferas que refletem a si mesmas e ao gravurista no ato artístico.

ⁱ Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior, Universidade Norte do Paraná, Londrina, Brasil.
E-mail: antonio.martins@uel.br

Peixoto, em *Autobiografia*, recorre a uma interessante tradição da literatura portuguesa: a efabulação de seus mestres como forma de homenagem (e, porque não, paródia?). Podemos citar como exemplos os romances *As Naus* (1988), de António Lobo Antunes, *Cartas reencontradas de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro* (2016), de Pedro Eiras, em que os autores ficcionalizam, respectivamente, Luís de Camões, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Há, ainda, não podemos esquecer, o fato de que o próprio José Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), torna Ricardo Reis, o heterônimo, e Fernando Pessoa, ele mesmo, em personagens suas. O Saramago ficcionalizado de José Luís Peixoto é uma bela e potente homenagem feita pelo autor a seu mentor.

“Um dia escrevi que tudo é autobiografia” (SARAMAGO, 1997, apud PEIXOTO, 2021 s/p). É citando como epígrafe as linhas que Saramago escreveu nos *Cadernos de Lanzarote*, que Peixoto constrói seu romance brincando com as noções de biografia, autobiografia e autoficção: José e Saramago são, ao mesmo tempo, reais e ficcionais a medida em que um ou outro dado da vida das personagens se aproxima ou se afasta da vida dos escritores no plano do acontecimento ético e social da vida. Usando epígrafes de Saramago, Peixoto conduz o leitor pelos labirintos de sua narrativa, misturando seu texto à obra do homenageado, citando um Mau-Tempo, como em *Levantado do Chão* (1981), um Bartolomeu, como em *Memorial do Convento* (1982), uma Lídia, como em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), ou Raimundo Silva, como em *A História do Cerco de Lisboa* (1989). Se José Saramago utilizou a mesma frase para iniciar e concluir *As Intermittências da Morte* (2005), Peixoto também faz algo parecido, pois seu narrador diz: “Saramago escreveu a última frase do romance” (PEIXOTO, 2021, p. 9), para se referir ao fato do autor ter terminado o romance *Todos os Nomes* (1997), marco temporal que põe o texto em movimento, além de marcar a cronologia da trama, e, conclui com o desbloqueio criativo da personagem que tem por incumbência escrever a biografia de Saramago: “José escreveu a primeira frase do romance” (PEIXOTO, 2021, p. 269). As alusões ao corpo da obra saramagueana ainda passam pela referência óbvia ao *Homem Duplicado* (2002), mote central para a composição da narração de José Luís Peixoto em que José e Saramago (as personagens) surgem como pessoas diferentes, em momentos diferentes da vida, mas que funcionam, no contexto narrado, em uma relação de duplos e espelhamentos fragmentários do *eu*.



Pessoas, locais e eventos reais também são efabulados: os casamentos, com Ilda Reis e Isabel da Nobrega, a relação com a própria Pilar del Rio. A participação no PCP – Partido Comunista Português, e a amizade com Miguel Urbano Rodrigues; a Rua de Macau, em Lisboa, ambiente onde importantes episódios da vida do ‘biografado’ aconteceram, de fato. Mesmo que Peixoto utilize artifícios similares aos de Saramago em *O Homem Duplicado*, como por exemplo, fazer convergir duas personalidades, aparentemente opostas, em uma única, mas as semelhanças com o romance do homenageado acabam neste ponto.

Lemos muito de Saramago no romance de Peixoto, mas, é necessário dizer: o autor não tenta simular a escrita do seu homenageado, nem mesmo seu estilo grandioso de surpreender o leitor com o inesperado. Peixoto não projeta vozes que se sobrepõem a do narrador, como se um deus aleatório, ou o próprio autor, resolvesse falar para dentro e para fora do espaço diegético; não separa os laços que unem a península ibérica à Europa, cria passarolas que voam, ou impede que todos morram em um país não identificado, mas que todos sabemos ser Portugal. Peixoto recorre ao inesperado somente ao final, com uma chuva de livros de Saramago sobre a cidade de Lisboa (p. 251). É necessário, ainda, ressaltar o caráter experimental da linguagem empregada pelo autor. Por se tratar de um romance metalinguístico e metanarrativo que explora constantemente elementos formais que apontam para este experimentalismo, tal como a narração que usa e abusa do recurso da *mise en abyme* para cruzar as duas narrativas principais: as de José e de Saramago, com narrativas secundárias que se sucedem uma após a outra em um desfile de personagens: Lúcia, Bartolomeu, Fritz, etc., entabulando essas pequenas narrativas coadjuvantes na narrativa principal, a da escrita da biografia de José Saramago. Nesse sentido, José Luís Peixoto cria um movimento narrativo circular (como que a formar um vórtice em que diferentes histórias e momentos se cruzam e se entrecortam, se sobrepõem, sem, no entanto, se interromperem mutuamente) muito inspirado em Saramago, mas tornando-se autônomo por despertar a memória dos romances do mestre ao mesmo tempo em que se afasta de seu modelo de escrita.

Eduardo Lourenço, em texto de 1966, categoriza autores como Agustina Bessa-Luís, Almeida Faria, Herberto Helder, entre outros, não como pertencentes a uma mesma geração, mas, sim, a uma mesma filiação literária, os



chamados filhos de Álvaro de Campos. Passados quase sessenta anos da publicação de *Uma Literatura Desenvolta ou os Filhos de Álvaro de Campos* por Lourenço, é necessário começar a categorizar os escritores nossos contemporâneos, a geração de 2000. Isto porque José Luís Peixoto pode, certamente, ser categorizado como um dos herdeiros literários de Saramago, continuador de sua tradição narrativa.

Para concluir, *Autobiografia* é uma bonita homenagem ao homem e ao escritor José Saramago, é um romance para matar as saudades do autor falecido em 2010 e que neste 2022 completaria seu centenário. Mesmo morto, Saramago segue sendo uma das vozes mais lúcidas e necessárias do séc. XXI e que é muito bem biografado, reverenciado e, porque não dizer, reinventado por Peixoto.

Referências

LOURENÇO, Eduardo. Uma literatura desenvolta ou os filhos de Álvaro de Campos. *In: O Tempo e o Modo*, Lisboa: outubro de 1966, nº 42, p. 923-935

PEIXOTO, José Luís. **Autobiografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Recebido em 08 de abril de 2022.

Aprovado em 23 de maio de 2022.

